

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

FUTEBOL-ARTE
OU
FUTEBOL-FORÇA?
O ESTILO BRASILEIRO EM JOGO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campinas 2003

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

**FUTEBOL-ARTE
OU
FUTEBOL-FORÇA?
O ESTILO BRASILEIRO EM JOGO**

Orientador: Professor Doutor Jocimar Daolio

Monografia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campinas 2003

RESUMO

O futebol foi estudado como forma de expressão da cultura brasileira. A partir desse enfoque cultural, a pesquisa objetivou, analisar se o atual estilo de jogo brasileiro caracteriza-se pela criatividade, ou seja, pelo futebol-arte ou pelo futebol de resultados, também chamado futebol-força. Inicialmente, procuramos entender como o futebol, vindo de outra nação, rapidamente tornou-se o esporte favorito do povo brasileiro. Depois buscamos compreender como a sociedade se expressa através do futebol, pois este constitui-se em dramatizações da população, ou seja, o futebol seria como uma espécie de reflexo das atitudes, manifestações e anseios do povo brasileiro. Finalmente, para analisar o estilo de jogo brasileiro foi analisado em que período iniciou-se essa discussão. Também foi feita uma análise desse tema nos períodos de Copa do Mundo, devido a grande repercussão desse assunto nessa época. Portanto, concluiu-se que o futebol praticado no Brasil continua a ser caracterizado pela criatividade e habilidade, pontos estes desenvolvidos principalmente na infância. Assim, o futebol brasileiro ainda se mantém como um ícone do futebol-arte, apesar da atual valorização do condicionamento físico.

Futebol-Arte – Futebol-Força – Estilo de jogo

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Sérgio, e à minha mãe, Conceição, pois foi graças à dedicação, amor e ao apoio que sempre me deram que eu cheguei até aqui;

À minha irmã, Luciana, por sempre me dar dicas sobre a pesquisa;

Ao meu avô, Luiz Settani (*in Memoriam*), por sempre acreditar em mim;

À Thaís e Mariana, pela alegria; a Lucimar por sempre ajudar a minha família;

À minha namorada, Ivana, pelo apoio e paciência durante a pesquisa;

Ao Luiz Gustavo e ao Eduardo (Tião), por terem lido o trabalho e contribuído com algumas dicas;

Ao Márcio (Véi), pelas conversas sobre futebol;

Ao Jocimar, pela amizade, instruções, apoio, dicas, críticas, enfim, pela orientação.

Obrigado a todos!!!

Sumário

1. RESUMO	2
2. MEMORIAL	3
3. INTRODUÇÃO	7
4. A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL	8
5. FUTEBOL E SOCIEDADE	13
6. FUTEBOL-ARTE OU FUTEBOL-FORÇA?	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. Resumo

A partir de um enfoque cultural, este trabalho objetivou discutir o atual estilo de jogo do futebol brasileiro, caracterizado pelo binômio Futebol-Arte / Futebol-Força. O primeiro, conhecido pela criatividade e o segundo, pela utilização da força na busca de resultados. Inicialmente, procuramos entender como o futebol, vindo de outra nação, rapidamente tornou-se o esporte favorito do povo brasileiro. Depois buscamos compreender como a sociedade se expressa por meio do futebol, pois este constitui-se em veículo de dramatizações da população, ou seja, o futebol seria como uma espécie de reflexo das atitudes, manifestações e anseios do povo brasileiro. Finalmente, para estudar mais especificamente o estilo brasileiro, foi considerado o período em que se iniciou essa discussão. Também foi feita uma análise desse tema nos períodos de Copa do Mundo, devido à grande repercussão do assunto nessa época. Portanto, é possível sugerir que o futebol praticado no Brasil continua a ser caracterizado pela criatividade e refinada habilidade, expressões do Futebol-Arte, apesar da atual valorização do condicionamento físico.

Palavras-chaves: Futebol Brasileiro; Cultura; Estilo de Jogo.

2. Memorial

Para alguns, monografia significa passar noites em claro, ler tudo o que não foi lido durante a graduação para poder escrever algo. No entanto, para mim foi um pouco diferente, mas antes de chegarmos aí é preciso voltar no tempo e dizer como tudo começou.

Sempre estudei em escola particular. A mensalidade não era barata. Observava que o esforço dos meus pais para investir numa educação de qualidade era capaz de superar quaisquer obstáculos. Morava a duas quadras da escola e, conseqüentemente, não gastava com condução.

Constantemente me comparavam a minha irmã. Ela estava um ano à frente. Aluna exemplar, notas altas, enfim, primeira aluna da classe. Eu, aluno mediano, odiava as aulas de Biologia e de Inglês. Férias? Só depois do exame. No entanto, nunca reprovei.

Minha vida de estudante não tinha grandes emoções até que mudei de escola e de cidade. Foi em 1996. Entre os fatores responsáveis pela mudança destaca-se o desemprego do meu pai, que dificultou muito o pagamento da mensalidade e a reprovação da minha irmã no vestibular da USP, que significaria um gasto a mais, pois teria que fazer um cursinho.

Todo ano recebíamos o convite do meu tio para estudarmos na escola em que ele administra. Como precisávamos ajudar meus pais, aceitamos o convite. Mudamos para São Roque, a 70 km de São Paulo.

Passado o período de adaptação à nova escola e a uma cidade interiorana, logo fiz novos amigos. Estava no 3º ano do Ensino Médio e no fim do ano teria que enfrentar o tão temido vestibular. Minha opção naquele momento era jornalismo. Sonhava em fazer parte da seção de esporte. Naquele momento, prestar jornalismo era uma forma de aproximar tudo o que vivi na infância com o que queria como profissional.

Meu gosto por esporte vem desde pequeno. Era no domingo à tarde que ouvia pelo rádio os jogos com o meu pai. Além disso, toda manhã meu avô separava a parte de esportes do Estado de São Paulo para eu ler. Também em época de Copa do Mundo guardava artigos de jornais. E praticamente toda tarde jogava futebol no quintal de casa. Sozinho, me divertia. Chutava

incansavelmente uma bolinha de tênis descascada, criava jogadas, dribles, campeonatos. Ali, no meu imaginário eu era um jogador de futebol.

Fim de ano. Fiz inscrição em três vestibulares. Sabia que não passaria. Praticamente não estudei. Hoje, vejo que foi bom não ter passado, pois eu, com apenas 18 anos, não tinha maturidade suficiente para estar numa Universidade.

Era 1997, estava de volta a São Paulo. Minha irmã passara no curso de Pedagogia da USP. Eu teria que enfrentar o cursinho. Logo que mudamos para São Roque, em 1996, meu pai conseguiu um emprego, no Anglo Vestibulares. Por esse fato tive bolsa integral para estudar no cursinho. Pelo menos neste ano meus pais não teriam gastos quanto aos nossos estudos.

Não sei exatamente o período em que desisti do jornalismo. Nesse mesmo ano, tive acesso ao programa do curso de Esportes da USP. Várias disciplinas me chamaram a atenção, entre elas, jornalismo esportivo. Pronto. Fazer o que eu sempre gostei, ou seja, praticar esportes, especialmente o futebol, e ainda ter contato com a disciplina de jornalismo.

Minha motivação em prestar Educação Física nunca foi provocada pelas aulas que tive na escola. Longe disso. Nas escolas em que estudei, Educação Física sempre foi sinônimo de esporte, ou melhor, Futsal, Basquetebol, Voleibol e Handebol devidamente divididos a cada bimestre. No 3º colegial, por opção da turma, somente jogávamos futebol. Toda quinta-feira, duas horas sem parar. Nesse caso, ainda bem que foi assim, pois era um momento de alegria e de extravasar a tensão do vestibular. Não era obrigatória a presença e, os que apareciam realmente, queriam jogar futebol.

Prestei Esportes na USP e Educação Física na UNICAMP e PUCC. Fui para a segunda fase da UNICAMP, mas fui reprovado pela nota de corte de Biologia. Não havia conseguido a nota mínima (três). Neste ano houve um fato curioso no vestibular da UNICAMP: metade das vagas do diurno e do noturno não foram preenchidas nas três primeiras chamadas, pois os candidatos não haviam conseguido a nota de corte. Minha esperança somente acabou quando foi divulgada a quarta e última lista. Neste ano passei na PUCC, mas pagar uma mensalidade de 450 reais, arcar com os gastos de moradia e alimentação

não seria possível naquele momento. Resolvi encarar mais um ano de cursinho, e entrar numa Universidade Pública.

Geralmente, muitas pessoas que prestam vestibular para o curso de Educação Física não têm apoio dos pais. No entanto, no meu caso sempre tive plena liberdade de escolher o curso que mais me agradava. Em nenhum momento houve cobrança deles para eu mudar de opção. Acredito que esse fato serviu como um estímulo para eu estudar mais e entrar numa boa universidade.

No final do ano, prestei vestibular somente para a USP e a UNICAMP. Fui para a segunda fase dos dois. Dessa forma, o ano de 1999, mais especificamente aquele verão, foi muito importante para os caminhos que minha vida tomou. Infelizmente, no fim de janeiro meu avô, já com os seus 95 anos, faleceu. Isso aconteceu cerca de uma semana antes de sair o resultado do vestibular. Ainda bem que ele tinha grande confiança no meu potencial.

Minha felicidade veio com a divulgação dos aprovados no vestibular da UNICAMP. Esse fato alterou bruscamente a minha vida. Precisei mudar de São Paulo e sair do conforto de casa. Isso é alegria para muitos, mas para mim foi minha única opção, pois somente passei nesse vestibular.

Toda mudança provoca alterações em nossas vidas. Aqui não foi diferente. Cheguei com a expectativa e a idéia de tornar-me um técnico ou preparador físico para realizar o meu sonho de infância, fazer parte do mundo do futebol.

Logo me decepcionei com as disciplinas da área de biológicas e o desinteresse foi grande. Assim o sonho foi gradativamente deixado de lado. Ao mesmo tempo fiquei fascinado pela área de humanas. Aulas interessantes, textos empolgantes e discussões que não tinham fim me fascinaram. A cada matéria de humanas sabia que ali era o que realmente me interessava nas discussões da faculdade.

O segundo semestre de 2000 foi o responsável por muitas mudanças, ou melhor, pelo encaminhamento do que eu realmente iria me interessar na vida acadêmica. A matéria responsável por isso foi *Aspectos Antropológicos da Motricidade Humana*, ministrada pelo professor Jocimar Daolio.

Muitos perguntavam o que uma disciplina de Antropologia fazia num currículo de Educação Física? A curiosidade foi a principal motivadora no início dessa disciplina. Após os primeiros contatos com o conteúdo, sabíamos que o professor Jocimar tinha muita coisa interessante para nos passar. Estudar Cultura, Educação Física e Futebol tinha tudo a ver com o tipo de discussão que eu gostava.

No semestre seguinte comecei a fazer parte do Grupo de Estudos Educação Física e Cultura. Lá aprofundamos nossas leituras com autores que somente ouvíamos o Jocimar dizer: *“esse autor é muito bom, mas estudamos somente na pós”*. E foi assim que conheci Laplantine, Geertz, DaMatta e outros.

Por meio do Grupo de Estudos tive maior contato com o professor Jocimar e ao final do semestre entreguei um texto sobre algum assunto que me interessava. Como não podia ser diferente, associei os conceitos que aprendemos sobre cultura com o tema que sempre me motivou para cursar Educação Física, o futebol.

E foi assim que tudo começou. Primeiro um texto de duas laudas, depois a elaboração de um projeto de iniciação científica. A partir daí, a busca por textos, livros e artigos não parou mais.

Esta monografia está baseada no meu relatório final de iniciação científica. Realizei algumas modificações, retirei algumas partes e ampliei outras discussões.

Espero que vocês façam uma boa leitura, e que o conteúdo desta monografia possa contribuir de alguma forma para a área de Educação Física.

3. Introdução

Futebol-Arte ou Futebol-Força? Em qual desses estilos o futebol brasileiro mais se aproxima? Quais são suas características? Porque esse esporte tornou-se um fenômeno cultural? Somos bons jogadores de futebol devido a qual motivo?

Essas e outras perguntas este ensaio pretende responder. O futebol não será estudado a partir de suas técnicas e táticas, e sim como forma de expressão da sociedade, pois se constitui em dramatizações da população. Trata-se de um reflexo das atitudes, manifestações e anseios de nossa sociedade.

Para compreender o futebol brasileiro como fenômeno cultural, inicialmente será analisada a cultura e a chegada do futebol no país, procurando entender como um esporte oriundo de outra sociedade, rapidamente tornou-se parte integrante da vida do brasileiro. Depois estudaremos como a sociedade se expressa através do futebol e, dessa forma, analisaremos como o futebol consolidou-se como esporte favorito da nação brasileira. No tópico seguinte, será discutida como foi construída a questão do Futebol-Arte e do Futebol-Força enquanto oposição. Antagonismo estabelecido a partir da tensão entre adotar o estilo inglês ou valorizar os dribles, a bicicleta, os toques de calcanhar, a ginga, a malandragem etc., enfim, a invenção de um particular estilo nacional.

4. A popularização do futebol no Brasil

*“Futebol sem drible fica sem graça.
É como poesia sem metáfora”
(Armando Nogueira).*

Antes de falarmos sobre o futebol brasileiro precisamos entender como aconteceu o processo de sua implantação e popularização. O futebol está enraizado de tal forma em nossa sociedade que é difícil pensar que não foi criado por nós. É um esporte oriundo de outra sociedade e que rapidamente foi difundido, sem que grandes alterações nas regras fossem feitas no sentido de torná-lo mais próximo de nossa cultura, ou seja, foi implantado segundo padrões europeus.

O futebol surgiu na Inglaterra, e segundo alguns historiadores, foi trazido para o Brasil em 1894 por Charles Miller, que carregava na bagagem duas bolas de futebol. Esse é o ano em que os historiadores assinalam como sendo a data oficial da introdução do futebol no Brasil. Porém, há inúmeras outras referências à prática do futebol no Brasil antes de 1894. O futebol já teria sido praticado por padres e alunos do colégio São Luís, em Itu, por marinheiros britânicos nos portos e por funcionários de companhias inglesas de estradas de ferro (Proni, 2000).



Fig. 1 Jogo de futebol realizado no Colégio São Luís, em Itu. Fonte: Santos Neto (2002).

Ao reproduzir, repassar e exaltar a figura de Charles Miller como o “pai” do futebol no Brasil, os historiadores desconsideram o fato de como seria complicado a somente uma pessoa ser a responsável pela introdução, popularização e divulgação de um esporte num país com a dimensão geográfica do Brasil e que no início do século XX apresentava difícil acesso de uma região para outra (Santos Neto, 2002). Esses fatores ressaltam as dificuldades em popularizar e mesmo divulgar um esporte dentro de um país com as dimensões continentais que o Brasil apresenta.

Charles Miller, como os demais membros da elite britânica, logo começou a frequentar o São Paulo Athletic Club (SPAC). Entre os frequentadores do clube, o críquete destacava-se como o esporte principal e Charles Miller foi o responsável por levar a prática do futebol para dentro do clube. O mérito de Charles Miller consiste no fato de possibilitar que o futebol fosse praticado fora das escolas e conseqüentemente estimular outras pessoas a praticá-lo também (Santos Neto, 2002).

Ao pontuarmos que a atuação de Charles Miller não foi tão ampla assim e que ele não é o único introdutor do futebol no Brasil, é preciso enfatizar que não seria possível, a partir de uma iniciativa individual, implantar um novo esporte em âmbito nacional sem ser ajudado, por exemplo, pelos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas, aos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite (Sevcenko, 1994; Santos Neto, 2002).

O início da prática do futebol restringiu-se à elite, que demorou alguns anos para permitir a entrada de outras classes sociais no esporte. Além de trazer o futebol de outra sociedade, a elite brasileira apropriou-se de outros costumes europeus, como o chá da tarde, a moda e o mobiliário das casas. Era uma época de valorização dos costumes e hábitos estrangeiros (Shirts, 1982).

Precisamos destacar como aconteceu a evolução do futebol no Brasil para entender a pergunta de Vogel (1982): *“Por que este jogo é brasileiro sem ter nascido no Brasil, e nacional sem nos pertencer exclusivamente?”* (p.78). Podemos até dizer que é um jogo simples, com poucas regras e de fácil execução, pois em qualquer lugar pode-se praticar futebol. Mas se nos referirmos somente a estes pontos, não conseguiremos responder como o

futebol tornou-se brasileiro. Precisamos entender como ele passou a fazer parte de nossa cultura.

O futebol popularizou-se num momento de expansão urbana. Novos centros surgiram e gradativamente o futebol passou a fazer parte do cotidiano do povo brasileiro. Tornou-se o assunto discutido entre amigos e desconhecidos. O futebol foi um meio pelo qual as pessoas passaram a se conhecer e a se aproximar, forneceu experiências comuns e integrou pessoas desconhecidas vindas de lugares variados. As pessoas habituam-se a discutir com frequência os jogos do fim de semana, debatem o lance do gol, o erro ou abuso de autoridade do juiz, a busca desesperada pela vitória, o comportamento da torcida, o azar da derrota, a atitude do técnico, a bola na trave etc. As conversas em torno do futebol remetem-nos à influência que o futebol exerce na vida dos brasileiros. Para Soares (2001), é mais aceitável:

“(...) pensar que o futebol e outros esportes surgem no Brasil numa configuração da formação das metrópoles e de um novo estilo de vida. O processo de padronização técnica e industrial, os novos ritmos e destrezas impostas ao corpo pela metrópole, as necessidades de integração de uma massa de imigrantes, a adesão aos estilos de vida considerados civilizados, fizeram do esporte um elemento adequado a estas novas demandas que se formavam nas metrópoles de Rio e de São Paulo” (p.49).

O futebol, ao chegar no país como novidade, como algo moderno e vindo de um lugar considerado culturalmente avançado, ganhou reconhecimento da elite, que encontrou nesse esporte uma condição de fazer parte da modernidade. O futebol, por simbolizar o novo e o moderno, foi rapidamente apropriado pela elite brasileira e provocou um paradoxo em nossa sociedade. A elite, que sempre viveu de favores, mostrou um esporte em que o êxito não estava relacionado com o sobrenome que a pessoa possuía e sim com o desempenho que ela apresentasse. Veja bem, não falamos do acesso à prática que inicialmente foi restrita e, sim, ao desempenho dentro do campo de futebol. Com isso, a expressão “Você sabe com quem está falando?” (DaMatta, 1996) deixou de fazer sentido dentro do futebol, pois todos são iguais independentemente da classe social em que estão inseridos.

“Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha” (DaMatta, 1994, p.12).

Após alguns anos, grande parcela da população começou a ter acesso à prática do futebol. Rapidamente um fascínio criado por esse esporte passou a fazer parte do imaginário do povo brasileiro e tornou-se a modalidade favorita da nação. O futebol não demorou a integrar o dia-a-dia do brasileiro, a delimitar a vida da população e a traduzir uma linguagem comum às pessoas, que vivem numa sociedade marcadamente influenciada pelo fenômeno cultural chamado futebol.

“O time (que for) vai traçando um fio narrativo capaz de organizar e dar sentido à vida, contar parte, ao menos, de uma história particular. Ou será que alguém, com idade para tanto, não lembra de onde estava quando o Brasil ganhou a Copa de 70? Ou com quem estava quando os times do Telê foram desclassificados em 82 e 86? Onde viu os pênaltis contra a Itália em 94 ou a derrota diante da França na Copa passada? O futebol pontua a vida no Brasil, dando-lhe uma história. Todo corintiano lembrará com quem e onde viu o time tornar-se campeão em 98... tal como um norte-americano sabe dizer onde estava na hora da morte do presidente John Kennedy. Chama-se cultura, isso aí. Um atributo que faz parte, sem dúvida, da cesta básica das riquezas do Brasil” (Shirts, 1998).

Um exemplo da influência do futebol na vida das pessoas foi a Copa do Mundo realizada no Japão e Coreia do Sul em 2002. Quantas pessoas não reajustaram seus horários para acompanhar os jogos nas madrugadas? Ou mesmo aqueles que não gostam de futebol, em época de Copa do Mundo não têm como escapar desse fenômeno cultural, pois em dias de jogos do Brasil o horário do trabalho é alterado para que as pessoas possam assistir às partidas da seleção brasileira.

Ajudado pelos meios de comunicação, entre os quais temos o jornal, o rádio, a televisão e a internet, o futebol consolidou-se como um esporte no qual todos têm acesso através da mídia. As informações sobre esse esporte têm grande destaque nos meios de comunicação e mesmo aquele que não se importa com futebol é obrigado a conviver com esse fenômeno cultural. É o futebol caminhando junto com a sociedade brasileira.

5. Futebol e sociedade

*“Se a gente mudar o futebol
a gente muda o Brasil”
(José Luiz Portella,
secretário executivo do
Ministério do Esporte).*

O antropólogo Roberto DaMatta foi um dos primeiros a escrever sobre a importância de entender o futebol como um fenômeno social que está intimamente ligado à sociedade. Para ele, o futebol seria um veículo para uma série de dramatizações da nossa sociedade.

Quando analisamos o futebol como parte integrante da sociedade e não em oposição à mesma, estamos negando a tese de que o futebol é o ópio do povo. No Brasil, os governos autoritários apropriaram-se do sucesso desse esporte popular para transmitir otimismo à população. Durante o Estado Novo (1937-1945), período que combina com o início do profissionalismo no futebol no país em 1933 e, à primeira transmissão de uma Copa do Mundo por rádio em 1938, o então presidente Vargas, atento à importância que o futebol possuía na sociedade brasileira, utilizou-se dos estádios para anunciar novas medidas referentes às leis do trabalho. Lopes (1994) completa:

“De fato, essas novas formas de comunicação com as classes populares através do futebol são aproveitadas na linguagem do corporativismo de Estado contemporâneo ao regime autoritário do Estado Novo assim como na gênese do sindicalismo de Estado. As maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, o maior estádio do Rio antes da construção do Maracanã em 1950. É ali que a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943. O futebol aparece assim como o pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo” (p.77).

A utilização do futebol, por parte dos governantes, como um meio de aproximar o diálogo com a população e transmitir otimismo foi principalmente explorado no período da ditadura militar. Dessa forma, o futebol passou a ser

visto como algo alienante. Logo foi criada a tese de que o futebol seria o ópio do povo. Essa tese foi principalmente explorada durante a época da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil sagrou-se tricampeão mundial e conquistou definitivamente a taça Jules Rimet¹. O governo autoritário daquele período utilizou a conquista para passar uma imagem de que tudo caminhava bem no país. Conforme o Brasil vencia os seus adversários, o governo apropriava-se do sucesso da seleção para fortalecer a ditadura. Agostino (2002) diz:

“A cada vitória, uma aclamação popular parecia legitimar o regime, com o próprio Médici aparecendo no noticiário da TV fazendo embaixadinhas. Tudo indica que a presidência fez questão de aproveitar o embalo da seleção brasileira para anunciar à nação o projeto Transamazônica (...). Paralelamente ao presidente Médici, que instituiu feriado nacional para valorizar a recepção dos jogadores em Brasília, não foram poucos os governadores, prefeitos e vereadores que fizeram de tudo para posar ao lado dos craques” (p.161-162).

Um sentimento de patriotismo foi usado pelo governo para ocultar as torturas, os atentados, as prisões, a censura, os assassinatos aos opositores do regime político, os desaparecimentos de pessoas etc. O então presidente Médici não se cansava de aparecer na televisão para dar seu palpite sobre o resultado das partidas do Brasil. Assim, manchetes que traduziam o patriotismo e otimismo do presidente relacionadas ao desempenho do “scratch” brasileiro ganhavam destaque nos meios de comunicação. Era comum circular pela mídia a opinião do então Presidente da República, sobre os jogos do Brasil: “Palpite do torcedor Médici: 4 x 1” ou “A alegria do presidente que acertou o resultado”.²

¹ A taça recebeu o nome do presidente da FIFA, o francês Jules Rimet, em 1946. O país que vencesse a Copa do Mundo por três vezes, a conquistaria em definitivo. Em 1983, a taça original foi roubada da sede da CBF, no Rio de Janeiro.

² Jornal Gazeta Esportiva, 22 de junho de 1970.



Fig. 2 Pelé ao lado do Presidente Médici após a conquista da Copa de 1970. Fonte: UOL (<http://esporte.uol.com.br/copa/historia/1970/epoca.jhtm>)

Foi criado um sentimento coletivo de que o país estava no caminho certo e isso era transmitido através de frases e músicas que exaltavam um patriotismo exacerbado. Essa política foi adotada para camuflar o regime violento que paradoxalmente foi chamado de Milagre Brasileiro. Associar o desempenho da seleção de 1970 ao período de crescimento econômico foi um ponto encontrado pelo governo para exaltar o regime. Músicas e slogans foram criados e vinculados pela mídia: “Milhões em ação, pra frente Brasil!”; “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

A palavra ópio é utilizada como uma droga, algo que causa amnésia, ou seja, ao assistir e torcer pelo Brasil, a população se esqueceria dos problemas causados pela ditadura. Quando o futebol é visto como ópio do povo, é preciso estabelecer para quem isso faz sentido. O futebol pode ser um bom caminho para o governo ou para aquele que quer manipular as massas e, assim, conseguir seus objetivos. O futebol em sua essência não é o ópio do povo. No entanto, para aqueles que consideram o futebol desvinculado ou em oposição à sociedade, concordam com a tese de que ele é o ópio do povo, ou seja, encaram o futebol como uma alternativa para desviar a atenção do povo brasileiro de problemas básicos (DaMatta, 1982).

Segundo Caldas (1994), não só o futebol pode ser usado como ópio do povo e sim qualquer esporte de massa. Sintetiza o autor:

“Esse fato decorre, isto sim, do uso ideológico que o Estado possa fazer desse esporte, como faria de qualquer outra manifestação que tivesse força popular idêntica. Quem aliena são os governantes que, deliberadamente, usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética” (p.46).

Por meio do futebol a sociedade manifesta seus desejos e atitudes, ou seja, comportamentos que estão ligados à vida real. Nesse sentido, a conquista da Copa do Mundo de 1994 ilustra bem que o futebol é o reflexo da sociedade. Era um momento de incertezas, pois o Brasil passava por uma reformulação econômica com a implantação de uma nova moeda, o Real. O jornalista Suzuki Júnior (1994) comparou a vitória da seleção com o momento que o povo vivia: *“Foi uma vitória que é a cara do Brasil atual. Um país que também está decidindo o seu destino nos pênaltis. E no qual ainda cabem esperanças e alegrias”* (p.4-2).

É interessante observar que na dinâmica cultural brasileira somente é valorizado o vencedor, do bem sucedido, ou seja, o que vale é estar em primeiro lugar. Terminar uma competição em segundo lugar não tem valor nenhum. Por isso muitos esportes, como por exemplo, o Tênis e o Voleibol, ocupam temporariamente um espaço na mídia e rapidamente saem da fama para o anonimato por não vencerem com regularidade. Com isso alguns esportes destacam-se por um certo período e depois perdem espaço como se jamais tivessem existido, ou seja, na vitória, tem seu reconhecimento, mas na derrota, são ignorados e esquecidos.

Porém, com o futebol é diferente. Embora a valorização do campeão esteja aqui presente, o fracasso não representa o anonimato. O futebol brasileiro, mesmo em momentos adversos continua sendo o carro-chefe dos noticiários esportivos. Um exemplo disto foi o caso da seleção brasileira, que nunca havia encontrado grandes dificuldades para se classificar para um Campeonato Mundial. Mesmo não passando por bom momento, durante as Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002, a seleção jamais deixou de ser

notícia. Uma das particularidades do futebol brasileiro é a de ser concebido como representante da nação, tanto na vitória quanto na derrota (Guedes, 1995).

É interessante notar algumas peculiaridades que o futebol apresenta para tentarmos explicar sua popularidade, não só no Brasil como em muitos países do mundo. É um dos únicos esportes em que a partida pode terminar empatada e sem que nenhum time marque gols. Entre os esportes coletivos mais conhecidos no Brasil, somente no Handebol pode haver empate mas, por ser uma modalidade praticada com as mãos, a imprevisibilidade é menor e conseqüentemente uma característica desse esporte é o grande número de gols por partida. Já no caso do Basquetebol e do Voleibol, não há possibilidade da partida terminar empatada, é preciso que haja um vencedor.

O fato de o futebol ser praticado com os pés, o torna específico. Os membros inferiores são mais utilizados e nessa região do corpo os movimentos são mais imprecisos do que comparados com os esportes que usam os membros superiores, que envolve maior racionalidade e precisão.

Para Sevcenko (1994), no futebol “(...) a inevitável imprecisão e maior lentidão do uso dos pés ampliam enormemente os papéis do acaso, do senso de oportunidade, dos deslocamentos e do sentido de conjunto” (p.35). Com o uso dos pés, aumenta a imprecisão das jogadas, trazendo para o jogo de futebol o imprevisível, o acaso, o aleatório e questões como sorte e azar entram em campo. A alternância de vencedores e vencidos passa a ser uma característica do futebol.

A paixão pelo time cria uma série de representações que permite ao torcedor se identificar e se espelhar nos seus ídolos. A valorização do jogador de futebol e o desejo de ser igual ao ídolo fizeram com que, no Brasil, o futebol se tornasse uma ponta de esperança, principalmente de pessoas situadas à margem da sociedade e que sonham, por meio do futebol, serem reconhecidas e, conseqüentemente, superarem as adversidades. O futebol passa a ser um dos poucos caminhos possíveis para conquistar fama e fortuna (Guedes, 1995), isso pode ser mais um fato para explicar como o futebol se torna uma paixão nacional em países como o Brasil e a Argentina, que tiveram dois grandes ídolos, Pelé e Maradona, respectivamente.

Muitos países subdesenvolvidos conseguiram destaque mundial ao derrotarem países desenvolvidos nos campos de futebol³. Por meio de campeonatos nacionais, e principalmente, nas Copas do Mundo, países sem reconhecimento construíram ídolos e heróis, mostraram ao mundo pessoas comuns, pobres e vindas de favelas que venceram na vida e que hoje não estão mais à margem da sociedade. São pessoas que conseguiram mobilidade dentro da hierarquia social rígida e excludente. O futebol simboliza o mais veloz caminho e o mais eficiente instrumento de realização de suas esperanças e desejos, ou seja, a ruptura com a pobreza e o anonimato (Helal & Murad, 1995).



Fig. 3 **Ronaldo é um dos jogadores que simboliza o sucesso por meio do futebol.**

Fonte: FIFA (www.fifa.com)

O sonho de vencer na vida através do futebol representa o anseio de muitos brasileiros, mas para o desejo virar realidade não é muito fácil de conseguir. São poucos os jogadores que recebem um salário digno e o sonho

³ As seleções da América do Sul conquistaram ao longo das Copas do Mundo, até 2002, nove títulos (Brasil com cinco, Argentina e Uruguai, com duas conquistas cada). A Europa conquistou oito títulos (Alemanha e Itália, três vezes cada, Inglaterra e França, uma vez cada).

de jogar em time tradicional é um caminho difícil de se alcançar⁴. O futebol, como a sociedade, mostra a faceta excludente de um país marcado pelas diferenças sociais. Existe muito dinheiro concentrado nas mãos de poucas pessoas e o inverso também é realidade, pouco dinheiro concentrado nas mãos de muitos.

Por meio do futebol, o povo encontra uma maneira de se manifestar. É no futebol um dos poucos momentos em que existe a idéia de um país unido. Os jogos do Brasil em Copas do Mundo são um exemplo claro dessa união. O país pára e as pessoas reúnem-se em suas casas, bares e ruas para assistirem aos jogos, saem mais cedo do trabalho e naquelas quatro semanas de competição na busca pelo título de Campeão do Mundo, só se ouve e se fala sobre futebol. O povo parece buscar novos símbolos.

⁴ Uma pesquisa do Departamento de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) revelou que, em 1998, 52,9% dos jogadores profissionais recebiam quantias inferiores a um salário mínimo; 30,5%, de um a dois salários; 7,9%, de dois a cinco; 2,7%, de cinco a dez; 1,8%, de 10 a 20; e 4,3%, recebiam mais de 20 salários mínimos (Folha de São Paulo, 14/02/1998:1).

6. Futebol-Arte ou Futebol-Força?

*“Eu aprendi a jogar na rua, no quintal,
que é como se aprende a jogar”
(Pelé).*

O início da oposição Futebol-Arte e Futebol-Força

Mas será que hoje o futebol é tão fascinante como antigamente? Para muitos, o futebol perdeu a graça, não empolga mais como nos tempos passados, os times são burocráticos e fazem de tudo para vencer nem que seja por meio a zero. Será que o futebol abriu mão da arte, da alegria e virou um jogo sistemático? Cada jogador realiza uma função em campo, semelhante a uma linha de produção de uma indústria, e que raramente pode arriscar uma jogada de efeito?

Por fazer parte da cultura, o futebol praticado pelo mundo também apresenta características distintas. O estilo de jogo brasileiro é diferente do estilo europeu. O que não quer dizer que somos os melhores quanto à prática futebolística e, sim, que possuímos outras características, influenciadas por nossa cultura. Essa diferença no estilo de se jogar futebol parece ter criado o paradigma do Futebol-Arte e Futebol-Força. O que seria essa questão do Futebol-Arte e do Futebol-Força? Seria quanto ao estilo de jogo?

A construção do estilo de jogo e mesmo sua reprodução foram um meio de consolidar nossa identidade que simbolicamente convencionou-se chamar de Futebol-Arte. O futebol como um drama social (DaMatta, 1982) foi uma maneira de exaltar o nosso jeito, as jogadas de efeito, os dribles, enfim, algumas características que nos tornaram conhecidos internacionalmente.

O futebol, por ser influenciado pela cultura, faz com que o estilo de jogo de cada país seja particular. Assim, o Futebol-Arte é simbolizado pelo futebol brasileiro, enquanto o Futebol-Força é representado pelo futebol europeu. A identidade do futebol brasileiro foi construída a partir de uma série de oposições tendo como pano de fundo os europeus (Damo, 1999).

Através do quadro comparativo abaixo, o autor, contrapõe dentre várias características apresentadas pelo futebol brasileiro e o futebol europeu, o Futebol-Arte ao Futebol-Força. Segundo ele, a comparação poderia ser mais

extensa, pois o futebol está vinculado a questões estéticas, às idéias de valor, à subjetividade, e dificilmente se chegará a um consenso. Segundo Damo (1999, p.91):

futebol brasileiro	futebol europeu
artístico	competitivo
espetáculo	eficiência
dionisíaco	apolíneo
barroco	clássico
intuitivo	racional
natureza	cultura
dom	aprendizado
rua	clube/escola
jogo	esporte
individual	coletivo
agilidade	rigidez
habilidade	força
malandro	caxias
candomblé/umbandismo	catolicismo/protestantismo
futebol-arte	futebol-força

Uma das características que o Futebol-Arte apresenta, simbolicamente, é o fato do jogo ser encarado como espetáculo. A estrutura da partida está centrada na plasticidade das jogadas encenadas pelos artistas da bola em um gramado, ou melhor, em um teatro de arena. No Futebol-Força, prevalece à competição e, conseqüentemente a eficiência passa a ser a norteadora do objetivo a ser alcançado. Aqui também podem acontecer jogadas bonitas, mas essa não é uma característica freqüente deste tipo de futebol.

De tempos em tempos, por meio da Copa do Mundo, às nações colocam à prova suas qualidades quanto à maneira de jogar futebol. O estilo brasileiro chama atenção por ser diferente dos demais, principalmente devido à habilidade de seus atletas.

Para o senso comum, essa habilidade é inata, ou seja, o brasileiro já nasce jogando futebol, enfim, associa as suas qualidades referentes à prática futebolística como algo de sua natureza. Considera-se o melhor jogador de futebol do mundo. Não precisou aprender, pois isso é considerado um dom. Já na Europa o aprendizado acontece principalmente dentro dos clubes e escolas e, provavelmente, orientados por professores.

Mas o que seria o dom? Não há na literatura definições precisas sobre o que realmente representa o dom no esporte. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa⁵, possuir um dom pode ser uma dádiva ou presente. O verbete do dicionário transmite uma idéia genérica. A dificuldade em encontrar definições a respeito do que realmente seria o dom é provocada pelo fato de se tratar de uma crença. Por isso, não tem como provar se existe ou não já que o conceito de dom encontra-se no campo do mito, do dogma e da fé.

Dentre as definições do cotidiano, a mais utilizada é a que considera o dom como algo inato, ou melhor, uma qualidade natural. Portanto, somente os bem nascidos, os predestinados ou aqueles que possuem sorte teriam esse privilégio. No entanto, não podemos analisar o dom sem considerar o aspecto cultural. Se aceitarmos a idéia que uma pessoa possa ter um dom ou “talento natural”, precisamos fazer essa análise pela ótica da cultura, ou seja, nesse caso o dom pode ser entendido como algo aprendido culturalmente, como um componente adquirido que pode ser aperfeiçoado, melhorando a natureza inata de cada um (Chauí, 1994).

É preciso fazer uma leitura diferente quando se associa o dom como algo inato ao futebol. Na verdade, aqueles que afirmam isso, utilizam a palavra cultura como sinônimo de natureza. Assim, a partir, dessa confusão terminológica, ressaltam a influência que o futebol possui na cultura brasileira, principalmente o fato dos meninos desde pequenos terem contato com uma bola de futebol.

Existe muita confusão com relação ao tema dom. Segundo Giglio⁶ (2003), em pesquisa realizada com técnicos de futebol, a maioria destacou a questão do talento do jogador brasileiro como sendo um dom adquirido culturalmente. Somente um dos técnicos entrevistados referiu-se ao dom como algo natural, genético. Portanto, os técnicos, ao dizerem que o talento nasce com o jogador, analisam o futebol a partir de uma perspectiva cultural e que as habilidades dos atletas foram aprendidas e desenvolvidas desde a infância.

⁵ FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário básico da língua portuguesa*. “Folha/Aurélio”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

⁶ Pesquisa realizada com oito técnicos de futebol profissional do Estado de São Paulo, todos atuantes em equipes da Primeira Divisão.

Não podemos dizer que uma criança nasce jogando futebol. Ao fazermos essa afirmação, contrariamos todos os princípios biológicos que pontuam as nossas vidas. Primeiro aprendemos a andar para depois começarmos a correr. O que se diria em relação ao domínio de uma bola? Com certeza ninguém pulou alguma das etapas descritas. Se aprendemos a andar e a correr, porque não aprendemos também a jogar futebol? Negarmos que é possível aprender a jogar é no mínimo incoerente. Segundo Scaglia (1999): *“(...) sendo o futebol produto da cultura humana, ele é fruto da humanidade, portanto, é passível de ser ensinado”* (p.23).

Ao considerar a definição de dom desvinculada do contexto, do significado, ou seja, como algo inato, como explicar que somente os brasileiros possuem certa ginga e um estilo particular de jogar bola?

Em pesquisa realizada por Scaglia⁷ (1999), o dom foi analisado como uma qualidade do jogador brasileiro:

“Parte de nossos entrevistados explicitam que ainda não conseguem entender nem como aprenderam a jogar, muito menos se, de fato, é possível ensinar futebol. Para muitos, futebol é um dom e, como tal, impossível de ser ensinado no seu todo (apenas em partes), cabendo ao professor, mediante algumas condutas preestabelecidas, apenas dar dicas e mostrar os gestos técnicos para que seus alunos tentem imitá-los” (p.153).

É comum ouvir que o brasileiro desenvolveu sua qualidade técnica principalmente pelo fato de enfrentar no início de sua prática, condições adversas durante os treinamentos, seja pela falta de material ou pelos campos em péssimas condições, enfim, sempre precisou driblar as dificuldades e por isso o Brasil tornou-se um grande centro do futebol.

No Brasil, o futebol de rua e de várzea ocupam espaço de destaque na prática desse esporte, marcado pela agilidade e pelo improviso, desde o material utilizado, número de jogadores, espaço físico etc. Devido ao improviso, o jogador brasileiro foi classificado como intuitivo e individualista, “não pensa para jogar”. Em oposição, estaria o europeu, com sua racionalidade, rigidez e

⁷ Pesquisa realizada com professores de escolinhas de futebol. Todos os entrevistados foram jogadores de futebol profissional.

força, com seu esquema de jogo exaustivamente treinado para o coletivo e que dificilmente executa uma jogada que não foi ensaiada nos treinamentos.

Mas somente os fatores acima não fariam dos jogadores brasileiros exímios atletas de futebol. Aliado às dificuldades, o brasileiro, desde menino, joga futebol na rua, em campos improvisados, ou seja, não precisa possuir uma bola, basta ter um objeto para substituí-la que há crianças correndo e se divertindo. Esse futebol espontâneo, ou melhor, essa diversão representa o prazer de jogar uma partida de futebol, em que as crianças não têm medo de errar e brincam por horas ininterruptas. Freire (1998) ilustra a relação que o brasileiro possui com o futebol:

“Num país com tantos insucessos sociais, os êxitos futebolísticos foram tão grandes que tornaram as tentativas de explicação inevitáveis. Para alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva para esclarecer, basta dar uma volta por aí, pelas areias da praia, pelas quadras de Futebol de Salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar, que o observador atento descobrirá que Futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar Futebol melhor que ninguém” (p. xiii – xiv).

Desde o início da infância as crianças brasileiras, principalmente os meninos, brincam de jogar bola. E aqui no Brasil, jogar bola nos remete somente ao futebol. Por que em nosso país os outros esportes que utilizam bola não recebem essa designação? “Jogar bola” é um termo definido culturalmente, ou seja, todo brasileiro sabe que jogar bola nada mais é do que jogar futebol.

Assim, o futebol passou a fazer parte do universo das brincadeiras infantis e a rua foi o palco de todo esse aprendizado. Infelizmente esse espaço deixou gradativamente de ser utilizado devido ao grande número de carros que circulam, principalmente nos grandes centros, além da crescente violência

urbana. O número de campos de várzea diminuiu com o passar dos anos e em seus lugares formaram-se favelas, a incorporação imobiliária também aproveitou-se desses grandes espaços para comercializar os terrenos baldios.

O desaparecimento dos campos de várzea fez com que o futebol fosse levado para as chamadas Escolinhas de Futebol, local onde os garotos passam a adolescência toda jogando contra garotos da mesma idade. O problema não consiste no fato do futebol ter sido levado para as escolinhas e, sim, pela utilização desses espaços com intuito de formar jogadores profissionais sem considerar a importância da brincadeira e da descontração no aprendizado do futebol, valorizando-se muitas vezes o preparo físico das crianças.

Muitas vezes, a busca pelo rendimento físico é valorizada desde cedo nas categorias menores. Por meio de um corpo treinado, os técnicos fazem com que as crianças alcancem o seu melhor preparo, reforçando a idéia de que elas terão maiores oportunidades de chegar nas categorias superiores. Segundo Florenzano (1998):

“As categorias de base, ao longo dos anos 60, adquirem um valor crucial, pois a ciência esportiva aplicada ao futebol exigirá que o corpo do jogador seja manipulado e modelado desde cedo, condição necessária para atingir-se o novo patamar de força física requerido por esta atividade” (p.36).

Muitos passam por todas as categorias até chegar ao nível profissional desempenhando a mesma função. Associado a isso, a preocupação excessiva com o desenvolvimento do preparo físico desde pequeno torna-se o objetivo a ser alcançado. Correr passa a ser a principal qualidade a ser desenvolvida e a técnica passou para segundo plano. O resultado é a especialização precoce, pois o adolescente torna-se um especialista da posição que exerce em campo. Não vai ter experiências de jogar em outras posições, além de só praticar uma mesma modalidade esportiva que, no caso, é o futebol (Giglio, 2003).

Em qualquer esporte, por meio do treino, o atleta poderá se aprimorar e assim possuir mais recursos para executar seus movimentos. Existem, sim, alguns fatores genéticos que podem facilitar o desempenho em uma ou outra modalidade, mas não podemos afirmar que uma pessoa já nasce com um

domínio de bola ou visão de jogo. Mas por que aqui no Brasil ainda prevalece a idéia de que o “craque já nasce feito”? De acordo com Scaglia (1999):

“Entretanto o futebol é um esporte que, por ser coletivo, no qual cada jogador desempenha funções específicas, um craque será aquele que compreender a dinâmica do jogo, não precisando para isto excepcionais qualidades físicas, fato que é incontestável em outros esportes, principalmente os individuais” (p.23).

Como todas as pessoas são influenciadas pela cultura, não podemos excluir os chamados craques. Os craques do futebol brasileiro certamente praticam futebol desde pequenos. E caso alguns craques do futebol brasileiro tivessem nascido nos Estados Unidos, por exemplo, provavelmente seriam jogadores de Basquetebol, pois nesse país as crianças praticam essa modalidade desde pequenas. Não foi por acaso que o Brasil e os Estados Unidos produziram os melhores jogadores de Futebol e de Basquetebol do mundo, Pelé e Michael Jordan, respectivamente.

O Futebol-Arte e o Futebol-Força diferenciam-se quanto aos princípios fundamentais que caracterizam cada estilo. Mas é preciso ficar claro que independentemente do estilo adotado, as equipes sempre buscam a vitória e o que torna um estilo de jogo antagônico ao outro é o meio pelo qual os times buscam a vitória.

O Futebol-Arte e o Futebol-Força nas Copas do Mundo

Utilizaremos como objeto de estudo as Copas do Mundo, pois a cada quatro anos as nações com as mais variadas desigualdades sociais, políticas, étnicas e raciais são colocadas frente a frente para decidir a nova potência do futebol mundial. No entanto, será feito um recorte das últimas quatro edições⁸, para exemplificar, como foi abordada a questão do Futebol-Arte e Futebol-Força. Também situaremos o momento em que parece surgir esses dois estilos de jogo.

⁸ 1990, realizada na Itália e vencida pela Alemanha Ocidental; 1994, realizada nos Estados Unidos e vencida pelo Brasil; 1998, realizada na França e vencida pela anfitriã; 2002, realizada na Coréia do Sul e no Japão e vencida pelo Brasil.

Gil (1994), explica o que seria o Futebol-Arte:

“(...) uma característica inerente aos brasileiros ‘jogar bola’ de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. É a esse futebol, construído basicamente nos anos que vão de 1930 a 1974, que designamos ‘Futebol-Arte’ ” (p.100).

O Futebol-Força teria surgido na Copa de 1966, que se caracterizou por apresentar jogadores europeus com grande vigor físico e com grande disciplina tática. O Futebol-Força foi uma maneira encontrada pelos europeus para neutralizar a escola sul-americana. O Brasil havia vencido os dois mundiais anteriores e seu estilo de jogo era admirado por todos. Tornou-se o paradigma do Futebol-Arte, seus jogadores foram considerados artistas e seu futebol, uma arte. No entanto, na Copa de 1966, o Brasil decepcionou e foi desclassificado logo na primeira fase da competição. A final disputada entre a Inglaterra e a Alemanha Ocidental, foi vencida pelos ingleses somente na prorrogação⁹. Naquele ano o preparo físico dos europeus foi enaltecido como sua principal virtude. Portanto, é nesse período que o desenvolvimento da parte física passou a ter mais atenção. Segundo Florenzano (1998):

“Até meados da década de 1960, o modelo da preparação física, grosso modo, permanecia o mesmo, bem como o lugar que ela ocuparia no futebol permaneceria, até certo ponto, marginal. Contudo, o fracasso brasileiro em face do Futebol-Força europeu, na Copa do Mundo da Inglaterra, modificaria radicalmente a situação, impulsionando um processo que, a rigor, encontrava-se já em curso” (p.32).

O futebol brasileiro foi questionado. Como poderia manter um futebol tradicional para conseguir resultados satisfatórios ao enfrentar um futebol moderno praticado pelos europeus? Para os brasileiros, então bicampeões

⁹ A Inglaterra venceu a Alemanha Ocidental por 4 a 2. No tempo normal a partida terminou empatada em 2 a 2. O terceiro gol da Inglaterra foi o gol mais duvidoso de todas as Copas. A bola bateu no travessão e voltou perto da linha. A bola não entrou, mas o árbitro suíço, G. Dienst validou o gol.

mundiais, a derrota foi um golpe duro e o surgimento de um novo estilo de jogo colocou em xeque as qualidades do Futebol-Arte. Soares (1994) afirma:

“Em 1966, na Inglaterra, a equipe brasileira decepcionou. Foi surpreendida com a nova forma de jogar, em que o vigor físico e a violência foram os requisitos para a vitória na ‘Copa da Força’. A equipe inglesa, com seu futebol sisudo, foi campeã. O Brasil, que possuía o sentimento de ser o ‘melhor do mundo’, voltou para casa desprestigiado. Neste momento instalou-se o debate em torno da falência do sistema empregado em nosso futebol. A questão dispôs-se, então, como se o futebol brasileiro estivesse ultrapassado. A violência, o vigor físico e a disciplina tática eram os elementos da nova fórmula deste futebol moderno, o Futebol-Força” (p.99-100).

Segundo Giglio (2003), para os técnicos entrevistados, a principal mudança no futebol foi o desenvolvimento da parte física. Hoje, os jogadores agüentam correr mais, realizam múltiplas funções em campo, são mais disciplinados taticamente e isso aumentou a velocidade do jogo.

Os preparadores físicos conquistaram espaço, a partir da introdução de novos métodos de treinamento, embasados por um conhecimento científico que culminou num novo estilo de jogo, o Futebol-Força. É nesse período que o treinamento da técnica perdeu espaço para o aprimoramento da força física. O Futebol-Força marcou simbolicamente uma ruptura no mundo do futebol, pois o que era defendido como modelo passou a ser contestado.

As alterações ocorridas no futebol são vistas como uma evolução, uma modernização que se fez necessária, pois muitos países, principalmente da Europa, caminharam para um aperfeiçoamento da condição física.

O Futebol-Força, ao chegar com a designação de um futebol moderno, fez com que os brasileiros passassem a dar maior atenção para esse novo estilo de jogo. Como a sociedade e o futebol caminham juntas, ao surgir um novo estilo de se praticar futebol, ele foi importado e rapidamente passou a fazer parte do meio futebolístico brasileiro. Ao acontecer isso, o que era considerado como modelo, tornou-se obsoleto e retrógrado. O futebol brasileiro passou a ser visto como decadente. A novidade conquistou espaço e tudo aquilo desenvolvido anteriormente, foi substituído por algo considerado moderno.

O futebol praticado pelos europeus em 1966 mostrou um futebol científico que precisava ser estudado e entendido. O Brasil extraiu muitos pontos positivos com a lição da derrota. Com uma geração de jogadores de grande habilidade, o Brasil conquistou, em 1970, o tricampeonato mundial. O que muitos se esquecem é que aquela seleção representou, no Brasil, o marco da introdução de métodos científicos de treinamento. Um dos preparadores físicos daquela seleção, o atual técnico Carlos Alberto Parreira, foi um dos responsáveis pela excelente preparação física que a equipe apresentou durante a competição. Com um condicionamento físico muito bom, aliado à técnica excepcional dos jogadores, o Brasil mostrou ao mundo naquele momento um futebol que possuía talento e disciplina tática ao mesmo tempo.

O estilo de jogo brasileiro que parece se enquadrar melhor com o que o povo deseja, principalmente em relação à seleção brasileira é o que se assemelha ao futebol praticado na Copa de 1970. Com um futebol ofensivo, o Brasil venceu todas as partidas e encantou o mundo. A população se identificou com o futebol apresentado e essa seleção tornou-se paradigma do que seria realmente o futebol brasileiro.



Fig. 4 Camisa de Pelé utilizada na Copa de 1970 foi à leilão, em Londres, junto com quadros famosos. Fonte: O Estado de São Paulo.

A seleção brasileira de 1970 ficou conhecida pelas belas jogadas realizadas. Muitas não acabaram em gol, mas até hoje são reprisadas como um grande momento do nosso futebol. O jogador brasileiro parece ter uma

tendência a executar jogadas consideradas difíceis. Para Daolio (2003), o futebol brasileiro caracteriza-se da seguinte forma:

“Por mais que se tente copiar o estilo de jogo de algumas seleções européias, o jogador brasileiro parece não se adaptar a esse modelo. Ele prefere o drible, a jogada de efeito, o gol ‘de placa’, a ‘bicicleta’, a ‘chaleira’, a jogada mais difícil, em vez do toque de primeira, da jogada rápida, do futebol solidário, dos esquemas predeterminados pelo técnico” (p.162).

Por meio de uma preparação física diferenciada, a seleção brasileira venceu todos os adversários com um futebol envolvente. A partir desse momento a preparação física passou a ganhar espaço no futebol brasileiro. Nesse sentido, assinala Florenzano (1998):

“A Copa do México representa, portanto, além da exaltação do Futebol-Arte, o momento da consagração da preparação física brasileira, momento decisivo que simbolicamente atesta a mudança que verificava-se ao longo dos anos 60, quando ela deixava a condição até certo ponto marginal no futebol para alojar-se em seu centro e constituir-se em seu fundamento” (p.80).

Existe, em torno dessa seleção uma atenção especial que pode explicar parte de sua fama. Foi à primeira Copa do Mundo transmitida pela televisão, via satélite, para todo o mundo. Todos viam e encantavam-se com o futebol visto, ao vivo e a cores. A mídia, principalmente, a televisão, enquanto um forte mecanismo de apelo popular é provavelmente uma das responsáveis pela construção dessa seleção como a imagem do futebol brasileiro.

O “país do futebol”, que já foi do “Rei” Pelé, nos últimos anos foi modelado pela chamada “Era Dunga”, estabelecida em 1990 pelo técnico da seleção brasileira, Sebastião Lazaroni. O jogador Dunga marcou época no futebol brasileiro, como ícone do futebol viril e guerreiro, ou melhor, do Futebol-Força. Soares (1994) afirma:

“Lazaroni, com muita personalidade, decretava, pelos meios de comunicação, a ‘morte’ definitiva do futebol ‘arte’, do futebol ‘espetáculo’. Anunciava que os novos tempos

eram o futebol de competição, uma variação do que chamaram ‘futebol força’, ou seja, estava acabada a beleza, o que valia era a vitória. Em tom profético decretou a ‘Era Dunga’, jogador que se caracteriza por um extremo vigor físico e pela luta, o tempo inteiro, pela posse da bola. Tal concepção de jogo afasta-se daquilo que traduz a identidade do brasileiro, a ginga, a malícia e, enfim, o jeito habilidoso e jocoso de jogar futebol” (p.103).

Na Copa do Mundo de 1990, o técnico da seleção foi muito criticado por implantar um sistema pouco conhecido no Brasil e, conseqüentemente, o brasileiro não se identificou com um estilo de jogo “europeizado”. A eliminação precoce, resultados insatisfatórios e um estilo de jogo que não convenceu os torcedores provocaram a crítica de grande parte da população e da imprensa, que não poupou o técnico Sebastião Lazaroni e um de seus principais jogadores, o volante Dunga. Damo (1999) afirma:

“O ‘Estilo Dunga’ - comedido, arrojado, muita força, pouca criatividade e, acima de tudo, fidelidade às orientações táticas – foi visto como uma afronta ao Futebol-Arte” (p.93).



Fig. 5 Dunga foi um jogador de muita raça e símbolo do Futebol-Força. Fonte: Página Oficial do jogador Dunga (<http://www.capitaodunga.com.br/07.html>)

A seleção brasileira de 1994 sagrou-se tetracampeã mundial ao vencer a Itália, somente na decisão por pênaltis, após empatar sem gols no tempo

normal e na prorrogação. A base da equipe era a mesma que, quatro anos antes, havia sido eliminada precocemente da competição pelos argentinos, especialmente pelo futebol alegre do argentino Maradona. O futebol apresentado pelo Brasil durante o Mundial não empolgou a torcida, foram raros os momentos de entusiasmo. Helal & Murad (1995) afirmam:

“(...) o fato da Seleção brasileira de 1994 jogar um futebol, considerado mais ‘moderno’ com muita aplicação tática e poucos dribles, foi visto com desconfiança pela população que apesar de celebrar a conquista, não demonstrou se conhecer naquele estilo de jogo e elegeu Romário o ídolo da nação, justamente o jogador que mais guardava as características do Futebol-Arte” (p.65).

A equipe campeã de 1994 seguiu à risca aquilo que foi determinado pelo seu técnico, Carlos Alberto Parreira. O treinador recebeu muitas críticas por apresentar um futebol de resultados, sem a alegria do futebol que o povo sempre esteve acostumado a ver. Suzuki Júnior (1994) sintetizou o que o técnico Parreira pretendeu desde o início de seu trabalho: *“Carlos Alberto Parreira não prometeu brilho. Prometeu a vitória. Montou um time para isto. Conseguiu o seu objetivo”* (p.4-2).

Ao valorizar o estilo de jogo europeu, os brasileiros colocariam em segundo plano o seu estilo próprio de jogar. O povo não se identificaria com um estilo de jogo semelhante ao do futebol europeu e não aceitaria o modelo de jogo estrangeiro por não se reconhecer através deste estilo. Daí tantas críticas feitas aos técnicos, principalmente aos que dirigiram as seleções brasileiras, por privilegiar a defesa em detrimento do ataque.

A Copa do Mundo da França de 1998 era uma tentativa do Brasil conquistar o pentacampeonato mundial e reafirmar que o nosso futebol é caracterizado pela alegria, dribles e extrema habilidade de nossos jogadores. Nomes consagrados no futebol estavam em campo pelo Brasil, constituindo a melhor safra de jogadores dos últimos tempos. Cafardo (1998) afirma:

“É triste descobrir que o Brasil perdeu esta copa mesmo tendo a melhor safra de jogadores desde os tempos de Pelé. Tem material humano para encantar o mundo, como em 58 e em 70. Apesar disso, por falta de gerência, jogou

um futebol burocrático e ineficiente, cuja principal característica é a troca de bola no campo de defesa. Um futebol que gasta o tempo e dá sono na torcida” (p.E4).

Os atletas brasileiros tinham os ingredientes para mostrar a arte própria do futebol brasileiro, mas mesmo assim só conseguiram empolgar a torcida em poucos jogos. Essa crítica caracteriza a instabilidade apresentada pela Seleção brasileira, que alternava momentos de belo futebol com períodos de absoluta falta de criatividade.

É importante ressaltar que não podemos caracterizar o estilo de jogo do futebol brasileiro baseados no número de conquistas de campeonatos mundiais. Vencemos em 1958, 1962 e 1970 jogando um futebol que é considerado um dos mais belos apresentados pela nossa seleção, porém também vencemos sem apresentar grandes exibições em 1994. Em 2002, o Brasil conquistou o seu quinto título mundial de futebol. O Brasil venceu todas as partidas, terminou a competição com o melhor ataque (18 gols) e teve o jogador que mais marcou gols na Copa do Mundo. A questão não é estabelecer o estilo de jogo brasileiro apenas segundo suas conquistas, pois mesmo jogando um “Futebol-Arte”, como em 1982, o Brasil foi derrotado.

No Futebol-Força, o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade, porém muitas vezes as equipes que praticam esse tipo de futebol, também chamado de futebol de resultados, não empolgam seus torcedores. Jogadas de efeito, dribles e tabelas tornam-se raras. A equipe dificilmente sai do esquema que foi exaustivamente treinado. Arriscar um drible para ganhar espaço pode significar uma repreensão do técnico.

O futebol, como um grande mercado que recebe investimentos de vários setores, coloca os clubes em posição delicada, pois os times necessitam dos resultados para conseguir atrair possíveis patrocinadores e assim manter uma equipe competitiva. Existe muita pressão e a consequência disso pode ser a interferência no estilo de jogo dos times. Os técnicos sofrem com pressões da diretoria do clube, da torcida, da imprensa etc., pois os resultados positivos orientam as ações no futebol. Por isso muitos times jogam apenas para não serem derrotados.

Apesar das dificuldades enfrentadas nas Eliminatórias, o Brasil conquistou o título de campeão mundial pela quinta vez. A Copa do Mundo de 2002 não mostrou nenhum estilo de jogo novo. As seleções comportaram-se de forma semelhante durante as partidas. O estilo de jogo não se diferenciou quando esteve em campo europeus, africanos, asiáticos ou sul-americanos. Foi uma Copa globalizada. O futebol cada vez mais de resultados deixou de lado a brincadeira, a diversão e tornou-se um jogo de “gente grande”, sério e sisudo. Poucos jogadores que estiveram nos campos asiáticos ainda jogam em seus países de origem.

Esse mercado de jogadores resulta em um intercâmbio de estilos, pois os melhores jogadores de cada país muitas vezes jogam num mesmo centro futebolístico. Isso não é exclusivo dos jogadores, os técnicos também participam dessa globalização. Nesta última Copa, muitas seleções possuíam técnicos que não eram naturais dos países que defendiam.

O resultado de tudo isso foram partidas equilibradas. Não existe mais o vencedor de véspera. O jogador brasileiro continua a ser muito técnico, mas houve no futebol um período de entrada de jogadores especializados na marcação e os mais técnicos perderam espaço dentro de campo, pois diminuiu a liberdade para armar as jogadas. Atualmente, esses jogadores habilidosos acabam por ser ofuscados pela forte marcação que muitas vezes é privilegiada no futebol. Os espaços diminuíram, graças à preparação física, e esses atletas precisam ser muito mais rápidos na armação e criação das jogadas do que antigamente. Por isso, muitas vezes há a impressão que os jogadores limitados ocuparam o lugar dos habilidosos. Na verdade, houve melhora da condição física do atleta com poucos recursos técnicos, atleta esse que passou a correr mais e, assim, fazer frente ao habilidoso.

Segundo Soares & Lovisolo (2003), *“Hoje, se lamenta a perda de identidade, estamos num momento em que o futebol apresenta características mais globalizadas e as equipes do mundo inteiro utilizam modelos semelhantes”* (p.140-141). Sendo assim, observa-se que é preciso entrar em campo e provar a cada confronto que a sua superioridade não é estabelecida somente pelo fato de ter no elenco jogadores muito bem remunerados. Ainda bem que este esporte jogado com os pés está sujeito a intervenções de

pessoas que possuem habilidades, inteligências, individualidade, enfim, comportamentos que são exclusivos.

A conquista do pentacampeonato mundial ressaltou que a individualidade e a habilidade do jogador brasileiro parecem ainda ser um fator determinante no resultado das partidas. O Brasil destacou-se ao aplicar um futebol ofensivo aliado à grande qualidade de seus jogadores. O caráter individual do jogador brasileiro ainda mantém o nosso futebol como um ícone do Futebol-Arte. Se a plasticidade das jogadas não é tão bela como antigamente, podemos dizer que ainda somos competentes quando o assunto é futebol.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“(...) em futebol o pior cego é o que só vê a bola”
(Nélson Rodrigues).*

A discussão do binômio Futebol-Arte e Futebol-Força acontece, no plano teórico, reproduzido pelo senso comum e reforçado pela mídia. No entanto, ao falarmos em senso comum não podemos pensá-lo na conotação negativa que essa expressão possa trazer.

Na base da discussão do binômio Futebol-Arte / Futebol-Força está implícita a associação entre o caráter nacional e o estilo de jogo. O estilo foi construído tendo como pano de fundo a tensão em adotar o estilo inglês ou valorizar a invenção de um estilo nacional (Soares & Lovisoló, 2003). Ser lembrado por esse futebol de extrema habilidade e belas jogadas reafirma a identidade do brasileiro que se convencionou chamar de Futebol-Arte.

O desenvolvimento da preparação física parece ter provocado algumas alterações importantes na estrutura dos jogos de futebol. Os jogadores passaram a executar mais de uma função em campo, aumentou-se a preocupação com a defesa e os jogadores ocuparam melhor os espaços em campo. Conseqüentemente, destacaram-se jogadores de menor habilidade, mas de muita competitividade. Os atletas responsáveis pela criação e armação das jogadas perderam espaço a partir do momento em que o preparo físico passou a ser valorizado, pois, com maior fôlego, os jogadores conseguiram reduzir os espaços no campo de jogo.

O futebol brasileiro caracteriza-se, principalmente, pela habilidade e criatividade de seus jogadores. A qualidade do jogador brasileiro pode ser explicada pela influência que o futebol possui em nossa sociedade. Dentro da cultura brasileira a rua sempre ocupou um lugar de destaque no aprendizado do futebol. Assim, o futebol é analisado como parte integrante de nossa cultura e que muitas habilidades desenvolvidas na infância, nos campos improvisados, na rua ou nas escolinhas, são capazes de explicar “o dom do jogador brasileiro para o futebol”.

Neste futebol altamente competitivo, em que a preparação física possui grande importância, o diferencial de muitos times ainda é a habilidade de seus atletas.

Atualmente não podemos mais encarar o binômio Futebol-Arte / Futebol-Força como uma oposição. O futebol brasileiro apresenta elementos dos dois estilos de jogo, assim como o futebol europeu apresenta algumas características do estilo brasileiro. Ao confrontar os pontos que distinguem o Futebol-Arte do Futebol-Força (Vogel, 1982; Damo, 1999), podemos concluir que o futebol brasileiro apresenta elementos dos dois estilos de jogo.

Ao analisarmos o futebol brasileiro como parte integrante de nossa cultura, podemos dizer que o futebol é passível de ser ensinado (Scaglia, 1999). No Brasil, as crianças são estimuladas a praticá-lo desde pequenas e esse aprendizado ocorre por meio das “peladas” ou brincadeiras jogadas na rua, nos campos de várzea ou improvisados, nos clubes e nas escolinhas. Para os brasileiros que o praticam, o futebol é visto como jogo, para os que o consomem passivamente ele é encarado como esporte, cada vez mais vendido como um esporte espetáculo.

Influenciado pela cultura, podemos dizer que no futebol brasileiro ainda há predomínio das características daquilo que se convencionou chamar de Futebol-Arte. No entanto, também estão presentes pontos do Futebol-Força, visto agora, como um elemento complementar ao estilo brasileiro. Sendo assim, podemos associar elementos que num primeiro momento são opostos, como a habilidade e a força, o artístico e o competitivo, o individual e o coletivo.

Não é mais possível dizer que a habilidade e a força sejam antagônicas. A preparação física mostrou que é possível aliar esses elementos, pois o jogador requer além da parte técnica, a parte física para se adequar ao ritmo de uma partida. O futebol, atrelado ao espetáculo, fez com que o jogador brasileiro adaptasse jogadas de efeito aos resultados satisfatórios. Na lógica desse futebol moderno, a vitória dita o rumo de todo trabalho e garante possíveis investimentos de patrocinadores e atenção da mídia.

No futebol, por ser um esporte coletivo, as ações alternam-se entre individuais e coletivas. Embora, no Brasil as individuais sejam privilegiadas,

jamais são descartadas as ações coletivas, pois essa é uma característica estrutural dessa modalidade.

Dessa forma, podemos caracterizar o estilo de jogo brasileiro segundo o quadro abaixo que apresenta algumas características do futebol brasileiro:



No futebol, como em qualquer esporte, o objetivo a ser conquistado é a vitória. A diferença entre o Futebol-Arte e o Futebol-Força é a forma pela qual as equipes chegam a esse objetivo.

As equipes têm buscado atacar e defender com o máximo de eficiência, porém são poucos os times que conseguiram, até hoje, atingir esse equilíbrio com perfeição. Nesse futebol moderno e globalizado em que só há respeito pelas vitórias, o resultado é o norteador das ações no futebol. Porém, no futebol brasileiro podemos dizer que um time, além da busca pela vitória, ainda é capaz de praticar um futebol bonito devido à qualidade de seus jogadores.

Enquanto o futebol brasileiro mantiver vivo os elementos de nossa cultura, seremos vistos como representantes do Futebol-Arte. A conquista da Copa do Mundo de 2002 comprovou que a individualidade do jogador brasileiro é o diferencial numa partida de futebol. Essa vitória mostrou que somos capazes de superar os imensos problemas que assolam o futebol e, assim, obtermos resultados satisfatórios dentro do campo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Faperj, Mauad, 2002.
- CAFARDO, Pedro. O Brasil já aprendeu que não basta ganhar. *O Estado de São Paulo*, p.E4, 13 de julho de 1998.
- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sócio-políticos do futebol brasileiro. *Revista USP, Dossiê Futebol*, São Paulo, n.22, p. 40-49, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1994.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. *Revista USP, Dossiê Futebol*, São Paulo, n.22, p. 10-17, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *Torre de Babel: Ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- DAMO, Arlei S. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.23, p. 87-118, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário básico da língua portuguesa*. "Folha/Aurélio". Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- FLORENZANO, José P. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa Editora, 1998.
- FREIRE, João B. *Pedagogia do futebol*. Londrina, Midiograf, 1998.
- GIGLIO, Sérgio S. *Futebol-Arte X Futebol-Força: a opinião de técnicos*. São Paulo, Iniciação Científica, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Fapesp, 2003.
- GIL, Gilson. O drama do Futebol-Arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.25, p. 100-109, 1994.
- GUEDES, Simoni L. O salvador da pátria – considerações em torno da imagem do jogador Romário na copa de 94. *Pesquisa de Campo*, Revista do

- Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, Rio de Janeiro, n.1, p. 23-42, 1995.
- HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício. Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre a êxtase e a agonia de heróis de futebol. *Pesquisa de Campo*, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, Rio de Janeiro, n. 1, p. 63-79, 1995.
- LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP, Dossiê Futebol*, São Paulo, n.22, p. 64-83, 1994.
- PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.
- SANTOS NETO, José M. dos. *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.
- SCAGLIA, Alcides J. *O futebol que se aprende e se ensina*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP, Dossiê Futebol*, São Paulo, n.22, p. 30-37, 1994.
- SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou Football in Brazil? In: MEIHY, José C. S. B.; WITTER, José S. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.
- SHIRTS, Matthew. Jogador dá entrevista em língua indígena. *O Estado de São Paulo*, 26 de dezembro de 1998.
- SOARES, Antônio J. G. *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória, SPDC/UFES, 1994.
- SOARES, Antônio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Paulo, n.1, p. 129-143, 2003.
- SUZUKI JÚNIOR, Matinas. Que a taça carregue junto a auto-estima. *Folha de São Paulo*, p.4-2, 18 de julho de 1994.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional.
In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.